

**ESCOLAS  
INVESTEM EM  
INCLUSÃO DE  
DEFICIENTES**

# ZERO SENTIDOS

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC • FLORIANÓPOLIS, DEZEMBRO DE 2006 • ANO XXII • NÚMERO 4 • ESPECIAL SENTIDOS

HENRIQUE SILVEIRA

DIRCEU GETÚLIO



**CEGUEIRA NÃO  
IMPEDE SUCESSO  
DE RADIALISTA**

Tecnologia • PAG 06

**SINESTESIA:  
QUANDO OS  
SENTIDOS SE  
EMBARALHAM**

Comportamento • PAG 11

**SEXTO SENTIDO,  
FENÔMENO QUE  
A CIÊNCIA NÃO  
PODE EXPLICAR**

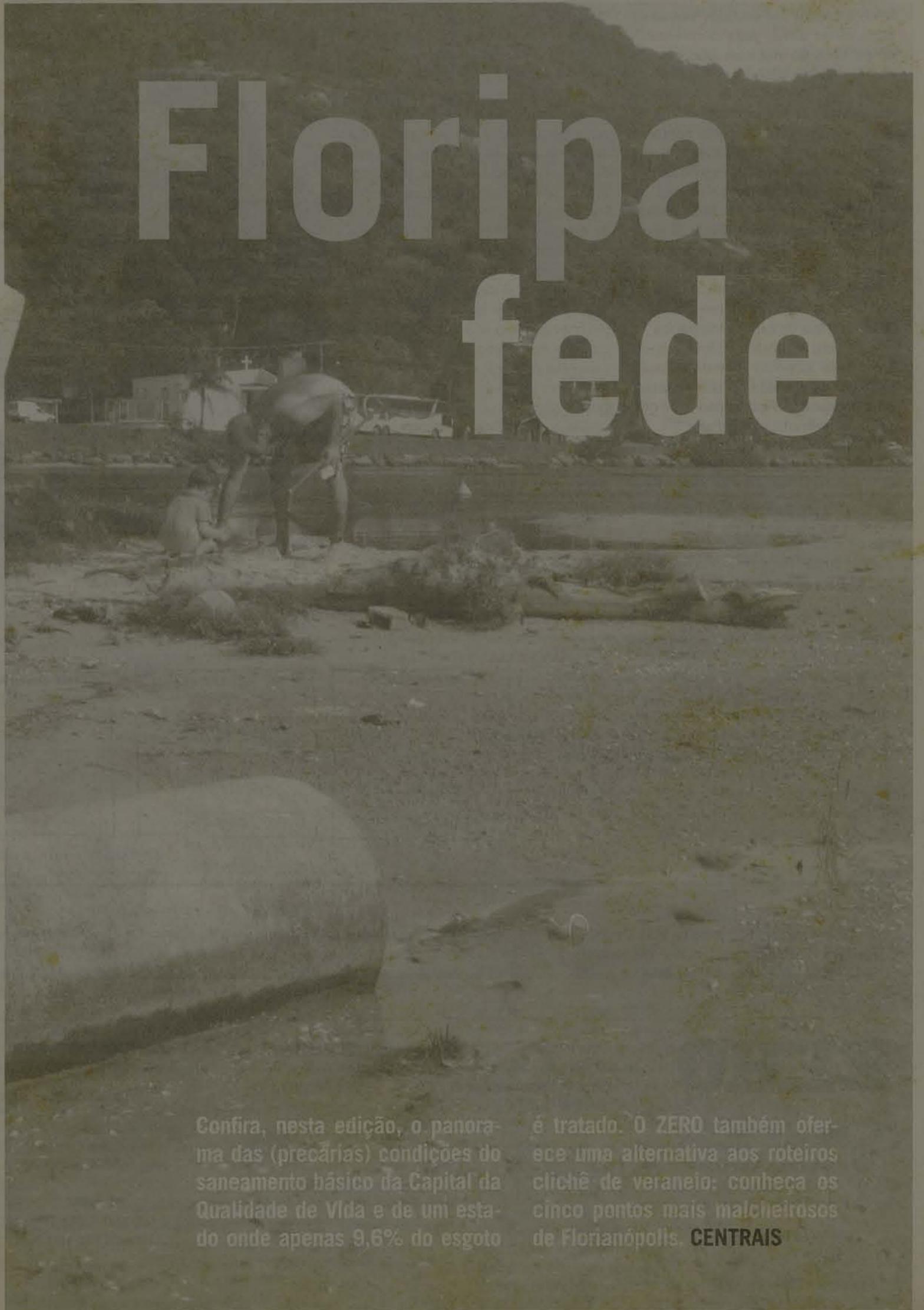
Comportamento • PAG 13

HENRIQUE SILVEIRA



**CEGOS AGUÇAM  
AUDIÇÃO E TATO  
COM GOALBALL**

Esporte • PAG 15



# Floripa fede

Confira, nesta edição, o panorama das (precárias) condições do saneamento básico da Capital da Qualidade de Vida e de um estado onde apenas 9,6% do esgoto

é tratado. O ZERO também oferece uma alternativa aos roteiros clichê de veraneio: conheça os cinco pontos mais malcheirosos de Florianópolis. **CENTRAIS**

# Carta ao leitor

CHARGE

CLOVIS GEYER

Não é fácil tocar no assunto, mas quando as coisas não cheiram bem, às vezes temos que fechar os olhos, contar com a intuição e rezar para que, depois de um banho de mar nas praias de Floripa, fique um gostinho de quero mais. Nada mais justo, explorar conscientemente todos os sentidos humanos, tema deste **Zero**, para percebermos os detalhes do ambiente que nos cerca. Mesmo que não sejam tão detalhes assim, caso da situação de saneamento nas praias e regiões movimentadas de Florianópolis – cidade parte paraíso e parte inferno para os olfatos mais apurados –, cujo sistema de esgoto foi desbravado pelos repórteres do jornal.

Deixando os odores de lado, restam-nos outros quatro sentidos (tem gente que afirmaria cinco) que podemos explorar. Lição que pode ser dada pelo afinador de pianos Christtiano Bartosiak e pelos cegos praticantes do goalball – matéria de esporte da página 15. Ambos com audição invejável, responsável pelo aumento da auto-estima e estímulo para a vida ou simplesmente para conquistar o ganha-pão e, de quebra, manter tradição familiar.

Além da música, a gastronomia também enriquece nossas páginas de cultura e apresenta mais um sentido. Quem disse que “onde ganha-se o pão não se come a carne” não tinha a menor noção de quão prazeroso é estimular as papilas gustativas ao máximo e receber salário para aprovar, ou não, as bebidas

mais saboreadas no Brasil. Hábito que pode estar ao alcance de leigos, bastando força de vontade, sensibilidade, e uns litros da bebida favorita.

Mas nem sempre aperfeiçoar nossa percepção é suficiente para garantir-mos um ritmo de vida longe de complicações. Avançamos aqui para outros sentidos e outra editoria, embarcando nas agruras da ausência de visão e audição, dificuldades nem tão impactantes quando se tem criatividade ou acesso às novas tecnologias que para alguns são passatempo e para outros, ferramentas indispensáveis no dia-a-dia. Softwares de mensagens instantâneas, máquinas Braille e programas reconhecedores de voz aumentam a eficiência profissional de deficientes. O complicado é achar o botãozinho que desliga o preconceito.

Por fim, e não necessariamente nessa ordem, o **Zero** reservou um espaço para ouvir especialistas em diferentes áreas e buscou esclarecer o que é o misterioso sexto sentido, em conversa com especialistas e indo à fonte: um culto do Santo Daime, religião sustentada pela exarcebação dos sentidos através do chá de ayahuasca, uma mistura de plantas de uso indígena. Proposta mais exótica, só mesmo sentindo o gostinho do amarelo e a textura daquela balada dos Beatles. Comportamento estranho à grande maioria da população, mas que faz parte da vida dos sinestetas. Apure os sentidos neste último jornal de 2006.



HUMOR

CLOVIS GEYER E CORA RIBEIRO



erramos

Na foto da matéria “O jogo da vida na ponta do lápis”, do Zero especial Dinheiro, número 3, a

pessoa não corresponde à personagem da matéria, A.V. Os nomes citados na matéria “A vida em

jogo no fim da conta” nas páginas centrais são fictícios.

# ZERO

EDIÇÃO

Augusto Köech • Jéssica Maia  
Rafael Paulo • Rosalvo Streit Jr  
Stenio Andrade

ILUSTRAÇÃO

Clovis Geyer • Cora Ribeiro  
Fabio Yamauchi

PROFESSOR COORDENADOR

Frederico Carvalho

★★★★★

Melhor Peça Gráfica  
I, II, III, IV e XI  
Set Universitário / PUC-RS  
1988, 89, 90, 91, 92 e 98

INFORMAÇÕES

IMPRESSÃO: Diário Catarinense  
CIRCULAÇÃO: Nacional  
DISTRIBUIÇÃO: Gratuita  
TIRAGEM: 5.000 exemplares

★

3º melhor  
Jonal-laboratório do Brasil  
EXPOCOM 1994

TELEFONES

+55 (48) 3331.6599 • 3331.9490  
3331.9215 • FAX: 3331.9490

NA INTERNET

SITE: www.zero.ufsc.br  
CIRCULAÇÃO: zero@cce.ufsc.br

★

Melhor Jornal-laboratório  
I Prêmio Foca  
Sind. dos Jornalistas de SC, 2000

ESPECIAL SENTIDOS  
Curso de Jornalismo da UFSC  
Florianópolis, dezembro de 2006  
Ano XXII • Número 4  
Fechamento: 08 de dezembro

REPORTAGEM

Caroline Mazzonetto • Daiane Fagundes  
Dirceu Getúlio • Edlena Barros  
Euclides Garcia • Felipe Seffrin  
Jacy Diello • Luana Rech  
Marina Gazzoni • Paola Bello  
Raquel dos Santos • Sara Uhelski  
Tatiana Leme • Ticiani Aguiar  
Vitor Hugo Brandalise

EDITORAÇÃO

Daniele Martins • Érica Georgino  
Roberta Ávila • Tiago Agostini

FOTOGRAFIA

Caroline Mazzonetto • Dirceu Getúlio  
Felipe Seffrin • Henrique Silveira  
Marina Gazzoni • Tatiana Leme  
Vitor Hugo Brandalise

MONITORIA

Lucas Amorin

REDAÇÃO DO JORNAL  
Curso de Jornalismo  
UFSC - CCE-JOR  
Trindade - Florianópolis, SC  
CEP 88040-900

# Despreparo afeta educação inclusiva

Diretora da FCEE, Laureci Wiggers, alega que falta de tempo e dinheiro também travam política social

JACY DIELLO

Os sentidos fundamentais do corpo humano - visão, audição, tato, paladar e olfato - constituem as funções que propiciam o nosso relacionamento com o ambiente. Através deles, o corpo pode perceber muita coisa do que o rodeia, contribuindo para a sobrevivência e integração com o meio. Ter algum desses sentidos comprometidos é sinônimo de uma interação diferente. Para minimizar os comprometimentos para as crianças em idade escolar, as escolas de Santa Catarina têm adotado uma política de inclusão com livros em Braille, professores intérpretes e criação do Serviço de Atendimento Especializado (Saede).

No estado, de acordo com dados da Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), 1570 alunos deficientes auditivos; 772

com algum tipo de deficiência visual e 3,5 mil estudantes com deficiência leve já estão cursando as escolas regulares. Implementando a política de inclusão, garantida pela Lei de Acessibilidade (Decreto Federal nº 5.296/04), em 2006, as escolas públicas do estado também receberam um total de 2.215 alunos de 6 a 10 anos com deficiência mental moderada.

Nesta edição do *Zero*, a diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão da Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), Laureci Pereira Wiggers, faz um relato sobre a política de inclusão em Santa Catarina, com autoridade de quem trabalha há mais de 38 anos na área.

**ZERO - Em 2004, foi aprovado o Estatuto Estadual da Pessoa Portadora de Deficiência em Santa Catarina. Esse foi o primeiro passo para a Educação Inclusiva no estado?**

LAURECI - Santa Catarina tem uma história de educação inclusiva muito antiga. Em algumas áreas nós nunca tivemos a educação segregada, como no caso da deficiência sensorial (surdos e cegos). Em 1994, criaram uma declaração mundial, chamada de Declaração de Salamanca, que foi o primeiro passo para a educação inclusiva. Também já havia um outro documento, a Declaração de Jomtien, que coloca a educação como sendo um direito para todos. Se a educação é para todos, ela já é inclusiva. Depois dessas declarações, começou-se a trabalhar a educação inclusiva no Brasil. Em Santa Catarina, começamos em 1987 com a integração. Esse já era um passo da educação inclusiva.

**ZERO - Qual a diferença entre esse**



HENRIQUE SILVEIRA

**modelo (integração) e o de inclusão?**

LAURECI - A diferença entre a integração e a inclusão está na concepção, que tem uma importância fundamental. A própria legislação dizia que, para a integração, a pessoa deveria adaptar-se a escola. Para a inclusão, a escola deve adequar-se à pessoa. Trabalhar com a diversidade é o foco da inclusão. Como todos não são iguais, a escola sempre deveria trabalhar nessa perspectiva. Porque nenhum aluno, independente de ser ou não deficiente, é igual ao outro.

**ZERO - Como foi em Santa Catarina esse processo?**

LAURECI - Bom, fizemos essa experiência em Santa Catarina, chamada de processo de integração, que foi avaliada em 1997, através de uma pesquisa em todo estado. Nesse processo de integração, conseguimos colocar nas escolas todas as pessoas com deficiência sensorial. A maioria dos deficientes sensoriais já estava, mas ainda havia muitos fora da escola. Colocamos também os deficientes mentais leves (Síndrome de Down com deficiência leve, outras síndromes e deficiências leves).

**ZERO - Falando nos deficientes sensoriais. No estado existem 84 professores intérpretes para mais de 1500 alunos com deficiência auditiva. Esse número é suficiente?**

LAURECI - Não, mas nem todos os alunos deficientes auditivos são aten-

didados pelos professores intérpretes. Começamos a implantar essa política sensorial inclusiva em algumas regiões há dois anos. Para ter uma idéia, no estado temos 68 turmas, que correspondem a 436 alunos, com aulas totalmente em Libras. É o que chamamos de educação bilíngüe. Nessas classes, o português não é a primeira língua, e sim, a segunda. Temos também 84 turmas mistas, num total de 351 alunos.

São nessas turmas que os intérpretes trabalham. Os outras 1134 alunos deficientes auditivos são atendidos pelos 208 Saedes (Serviço de atendimento especializado), no horário oposto às aulas.

**ZERO - No caso dos alunos atendidos pelo SAEDE, o aprendizado é através de leitura labial?**

LAURECI - Sim, porque não temos profissionais qualificados para trabalhar como intérpretes. Os alunos atendidos pelo SAEDE são, geralmente, de municípios muito pequenos, onde não existem profissionais. Preparar um intérprete é um sufoco, porque ele é um professor que vai dar aula em uma outra língua que não conhece. Leva muito tempo. O que fazemos é selecionar um professor que já conhece um pouco de Libras e qualificá-lo. Damos um curso de 180 horas, mas isso só funciona com quem já conhece a linguagem dos sinais.

**ZERO - Como é a capacitação dos professores? Eles estão preparados**

**para lidar com os alunos deficientes auditivos?**

LAURECI - Em 2004, quando começamos a trabalhar com o ensino em Libras, e abandonamos o ensino através da Oralidade, demos nove cursos de 80 horas para os professores, e 360 horas de curso para a comunidade. No ano seguinte, demos mais sete cursos, num total de 360 horas, para os professores e 280 horas para as famílias. Este ano foram 180 horas de curso para os professores. O que acontece é que não temos pessoas qualificadas para dar os cursos. Geralmente precisamos trazer os profissionais do Rio de Janeiro, e isso tem um custo muito alto. Um curso de português como segunda língua, por exemplo, não sai por menos de R\$ 30 mil, para capacitar somente 40 pessoas. Diminuímos o número de horas este ano em função dos custos. A maioria deles é

feito em parceria com o Ministério da Educação. Se tivéssemos condições de realizar as capacitações seguidas, em um ano conseguiríamos formar um professor intérprete, se ele estivesse dentro dos pré-requisitos.

**ZERO - E os alunos deficientes visuais? Como é no caso deles?**

LAURECI - Se esses alunos fossem estimulados desde pequenos seria muito mais fácil. A sociedade ainda os enxerga como coitadinhos, e possíveis pedintes. Se eles forem ensinados, desde criança, a aguçarem seus outros sentidos, como o tato e a audição, não teriam nenhum problema. Na sala de aula, os alunos deficientes visuais recebem do estado todo o material necessário: livros didáticos em Braille; mapas adaptados; cadernos para escrita em Braille; papel Braille, e ainda podem gravar a aula para ouvirem depois. Geralmente, possuem a audição muito aguçada. Nas salas de Saede (em SC existem 120 salas, sendo que 56 possuem o Dos/Vox), eles possuem computadores com o programa Dos/Vox (programa de áudio adaptado para cegos), as máquinas Braille e todo o material para estimular os outros sentidos.

**ZERO - Em dois anos já dá para avaliar as mudanças, principalmente, no caso dos deficientes auditivos?**

LAURECI - Com o ensino em Libras avançamos muito. Já fizemos uma pesquisa, mas ainda não temos os dados para te dizer se estamos melhores ou piores. Mas já sentimos que com os professores bilíngües e intérpretes os alunos aprendem melhor.

# Dança dos sentidos melhora auto-estima

Criada na década de sessenta, no Chile, a biodança estimula o conhecimento do corpo e a integração com o meio

TATIANA LEME

É dando as mãos que tudo começa. Descalços e em roda, um grupo de diabéticos e hipertensos da terceira idade vai ter o seu primeiro contato com a Biodança. Os 40 idosos que se reúnem uma vez por mês no Posto de Saúde da Trindade recebem explicações da facilitadora – nome usado para quem ministra aulas de Biodança – Geny Aparecida Cantos sobre o tema daquele encontro: “Biodança com Alegria.”

Depois de meia hora de explicações e apresentações, a parte prática começa. Ao som de canções escolhidas de um acervo musical da Biodança, os praticantes passam por 12 vivências. Cada uma delas corresponde a uma música que propõe um exercício de dança. Como a Biodança se propõe a ser a “dança da vida”, a

facilitadora Geny explica que “ela mescla exercícios de dança com o autoconhecimento e busca atingir a integração do



AUTOCONHECIMENTO Geny (dir.) em uma aula da “dança da vida”

indivíduo com ele mesmo e com a sociedade.”

A Biodança ajudou Ivone Cruz na fase em que mais precisava. É por isso que hoje ela se tornou uma facilitadora: “para que eu possa retribuir tudo que a Biodança fez por

mim”. Segundo ela, a Biodança trabalha muito o tato, a visão e a audição. E é esse conjunto de sentidos que “a dança da vida” ajuda a desenvolver.

Não é preciso saber dan-



VISÃO Para Valda de Andrade (esq.) o olhar fala

çar para fazer uma aula de Biodança. As facilitadoras afirmam que, como essa dança foi

criada para ser vivenciada em grupo, o que importa é o contato entre os indivíduos. É por isso que, mesmo que em cada vivência se façam movimentos ou exercícios diferentes, todos eles remetem ao uso do tato, da visão e da audição.

Os integrantes de um grupo de Biodança são levados a se abraçar, se beijar, se olhar, caminhar e soltar o corpo.

Geny acredita que, com a correria do dia-a-dia, ficamos muito distantes das pessoas. A Biodança vem incentivar o toque, através do

abraço, do beijo e de um simples aperto de mão, para que as pessoas se reintegrem afe-

tivamente.

Além do tato, a audição é muito importante durante as aulas. É preciso estar atento às músicas que dão base à execução das vivências. Edgar Spitaletti, autor de um site sobre Biodança, escreve que, durante a prática, escuta-se a música “com o corpo, com o coração e com a cabeça” (veja box).

Valda de Andrade, que já tivera contato com a Biodança quando precisou buscar a auto-estima, diz que “ouvir as músicas me transporta para outro lugar”. Para ela, o movimento do corpo e da cabeça, acompanhado com as canções é o que a faz trabalhar a mente e a emoção. Mas Valda acha que o sentido mais importante usado na Biodança é a visão: “não existe nada como o olho no olho; é quando você diz tudo.” Ela afirma que só assim é possível ler a mensagem que o outro quer passar.

## Para todos e sem contra-indicações, a prática mistura terapia, filosofia e ritmos

A Biodança foi criada pelo psicólogo e antropólogo Rolando Toro de Arañeda, um chileno que, em 1965, desenvolvia um trabalho de pesquisa com um grupo de esquizofrênicos no Centro de Estudos da Antropologia Médica na Universidade do Chile. A depressão desses pacientes levou Arañeda a usar um método não-convencional — a dança. Com o sucesso dos resultados, o método começou a ser fundamentado. Segundo ele, o Sistema Biodança é mais que uma técnica terapêutica e profilática, é uma filosofia de vida.

### Uma aula

O grupo começa sentado, formando uma roda, em que partilha as experiências das últimas aulas ou até algum acontecimento importante da vida. Nesse momento, além de falar, escutar é também muito importante. O objetivo é o crescimento pes-

soal, do grupo e o intercâmbio de conhecimento.

Em pé, os participantes começam a praticar as vivências. Ao som das músicas do catálogo da Biodança, eles se movimentam sozinhos, ao lado de outros dois, quatro ou



VIVÊNCIA Abraços e pés descalços

do grupo todo. Cada aula, que possui entre 12 e 15 vivências, começa com ritmos rápidos, passa por uma desaceleração – quando é possível relaxar, fazer movimentos suaves e conectar-se consigo mesmo e com os outros – e termina

com uma nova aceleração.

Os estilos das canções vão desde samba até músicas clássicas, devidamente escolhidas para cada momento. A Biodança propõe que cada um encontre um jeito de se expressar.

### Para quem

A Biodança é indicada para todas as pessoas. Seu modelo permite adaptar as vivências às necessidades de cada grupo. Basta desejar crescer como indivíduo e se conhecer melhor.

Os facilitadores estudam durante cerca de quatro anos em escolas especializadas, além de terem a obrigação de já ter participado de um grupo antes. Segundo a facilitadora Ivone Átala Cruz, é preciso se preparar para oferecer a possibilidade de trabalhar o corpo, a mente e a sensibilidade.

## biodança

### Sentidos usados pela biodança

Segundo Eduardo Spitali:

**Tato** – Incentiva-se o abraço, o beijo, o afeto, principalmente quando é com alguém do grupo que ainda não se conhece, é incentivado o. É estimulado o contato da pele, isto é, tocar-se sem resistência.



**Visão** – É imprescindível o “olho-no-olho”. É uma forma de comunicação não-verbal que traz um universo de emoções pouco percebido no cotidiano.



**Audição** – A música é o elemento que permeia toda a aula de Biodança. Quando se ouve a música com o corpo, o indivíduo fica impregnado por ela e tem vontade de se soltar; quando se ouve com o coração, a música se torna um caminho para se acessar as próprias emoções; quando se houve a música com a cabeça, diferencia-se o ritmo da melodia.



# Quando a falta de visão não é obstáculo

Paraatleta supera as necessidades especiais e corre atrás do grande sonho: terminar o curso de jornalismo

SARA UHELSKI

No dia em que saiu da clínica de oftalmologia em Joinville e foi passear pelas ruas da cidade, Zezé enxergou o mundo de outra maneira. Era tudo "tão claro, bonito e colorido", que ela não queria mais tirar as lentes de contato que acabara de colocar. Depois de dez anos sem encontrar alternativas para a baixa visão que tem desde que nasceu - combinação de catarata, astigmatismo, estrabismo, entre outros -, não foram só as cores da cidade que ficaram diferentes. Zezé pôde ver melhor também as medalhas que ganhou correndo em paraolimpíadas e mundiais paraolímpicos e, acima de tudo, uma nova oportunidade: iniciar sua alfabetização à tinta, aquela que permite às pessoas ler e escrever utilizando as palavras, da mesma forma que você lê este *Zero*.

Aos 29 anos, ela quer aprender a escrever para, no futu-

ro, ver o "Maria José Ferreira Alves", seu nome de batismo, na assinatura de notícias de jornal. Cursando o segundo ano da faculdade de jornalismo no Instituto Superior e Centro Educacional Luterano (Ielusc), foi lá que conheceu a professora Márcia Amaral, encarregada pela faculdade de auxiliá-la durante as aulas. Márcia incentivou Zezé a voltar a procurar um médico, que recomendou lentes de contato, mais tarde substituídas por óculos, pela dificuldade de adaptação. Eles não corrigiram expressivamente sua visão, mas permitiram uma nitidez suficiente para aprender a ler e escrever numa linguagem além do braile, que estudou desde criança.



BRONZE Atleta medalhista no Mundial Paraolímpico de 2006

Na faculdade, Zezé grava todas as aulas porque não consegue acompanhá-las como a

Zezé cursa disciplinas entre o quarto e o sexto período, algumas atrasadas por causa das

maioria de seus colegas. Fica indignada com a falta de atenção e esforço de alguns estudantes: "Se eu conseguisse escrever, jamais ficaria em exame, não tiraria nota menor que sete. Não entendo como os outros não anotam o que os professores falam. Se pudesse, anotaria tudo". Ela pretende seguir carreira no jornalismo esportivo, feminino, ou voltado para deficientes, área que considera pouco explorada pela imprensa. "Não tenho ilusão de ser uma Fátima Bernardes, mas sei que posso ser uma boa repórter, comentarista ou produtora".

viagens para competir.

Viagens que já renderam a Zezé cinco medalhas de bronze em competições internacionais: quatro em Paraolimpíadas (duas em Atlanta e duas em Atenas), e uma no Mundial que aconteceu em setembro, na Holanda. Para garantir bons resultados, a atleta treina todos os dias, de manhã e à tarde, acompanhada por seu guia, que a conduz pela pista com a ajuda de uma corda.

O interesse pelo esporte surgiu no Rio de Janeiro quando Zezé tinha 13 anos e estudava em uma escola especial para cegos. Decidiu entrar na equipe de atletismo do colégio por gostar de um menino que fazia parte do time. Aos 17 anos já participava de competições regionais e nacionais e, desde 1994, faz parte da Seleção Brasileira de Atletismo Paraolímpico. "Começou como uma paixão pré-adolescente e virou a paixão da minha vida".

## Surdos buscam igualdade de tratamento

Proibição dos pais não impediu Flaviane de aprender língua de sinais e concluir mestrado

EUCLIDES GARCIA

Até um ano e meio de idade, Flaviane era uma criança como todas as outras. Para a mãe da menina, porém, algo parecia estar errado e a família resolveu levá-la a um especialista. Diferentes barulhos foram feitos perto da criança, mas ela não respondeu a nenhum deles. Flaviane era surda. Um exame simples, chamado teste da orelhinha (veja box), teria identificado o problema ainda nos primeiros dias de vida da garota.

A surdez, porém, não impediu Flaviane de lutar por seus objetivos. No último dia 28 de novembro, ela defendeu a dissertação de mestrado e foi aprovada. Hoje, orgulha-se em dizer que é mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

As dificuldades enfrentadas foram muitas para chegar até aqui. Em toda a vida

escolar, Flaviane Reis estudou em colégios para ouvintes e conviveu com as dificuldades em acompanhar o que os professores diziam, através da leitura labial. "Me sentia sozinha. Demorou até eu me adaptar, porque todos os alunos eram iguais, enquanto eu era diferente", conta ela.

Mesmo com todo o apoio da família, foi dentro de casa que os problemas começaram. Os pais de Flaviane não a deixavam se comunicar através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Até que aos 15 anos de idade, ela conseguiu convencer a família a deixá-la frequentar as associações para surdos. Flaviane disse à mãe que se colocasse na seguinte situação. Ela, brasileira e falando português, vai para os Estados Unidos, onde só se fala inglês. Aos poucos, será obrigada a se adaptar aos americanos e à língua deles, mas, assim que encontrar

outros brasileiros, se sentirá acolhida entre seus semelhantes. "O surdo também é assim. No grupo de ouvintes, está sempre agoniado. Mas, entre outros surdos, passa a ter uma identidade", explica Flaviane.

Quem tem papel fundamental na vida dela e de tantos outros surdos são os intérpretes. Todas as aulas do mestrado de Flaviane foram acompanhadas por um intérprete, que era a voz do professor na sala-de-aula. No lugar das palavras, o conteúdo era aprendido através dos gestos. Sandra Amorim, presidente da Associação de Surdos da Grande Florianópolis, foi a primeira intérprete de Libras do Estado. Surda parcial, nasceu com 40% da capacidade auditiva e, hoje, escuta apenas cerca de 25% dos sons.

Como falava normalmente e escutava bem, apesar das dificuldades, Sandra conseguia estabelecer a comuni-

cação entre surdos e ouvintes. Aos 17 anos, ela já se revoltava com o tratamento que a sociedade catarinense impunha aos surdos. "Certa vez, médicos e especialistas vieram me perguntar o que era o surdo. Eu disse 'você que são os profissionais e vêm me perguntar uma coisa dessas?'. Sandra admite que a relação com o surdo evoluiu nos últimos anos, mas o preconceito ainda é grande. "A sociedade simplesmente desconhece o surdo. Não somos incapacitados. Nossa única limitação é não ouvir", desabafa.

Flaviane tem a mesma opinião. O maior sonho dela é que a sociedade entenda o surdo da forma como ele é. "As pessoas precisam mudar urgentemente a ideia de que o surdo precisa ser igual. Nós somos diferentes e temos nossas particularidades. O que não muda é o fato de merecermos igualdade como todos os outros."

teste da orelhinha +

### Entenda como é feito o exame

Um exame simples feito após o nascimento do bebê pode detectar se ele tem algum problema auditivo. O tratamento precoce da surdez evita problemas no desenvolvimento da criança. Também chamado de Emissão Otoacústica, o teste é indolor, dura aproximadamente de 5 a 10 minutos e pode ser feito com o bebê dormindo.

#### Passos do exame:

1. É feito um estímulo acústico na orelha do bebê
2. A resposta indica que a audição do recém-nascido é normal
3. A falta de resposta indica que o bebê precisa fazer o teste Bera (Potencial Evocado Auditivo de Tronco Encefálico)
4. Caso a deficiência seja confirmada, a criança deve ser encaminhada a um especialista para receber o melhor tipo de tratamento.

FONTE: Laboratório de Estudos da Voz e Audição (UFSC)

# Equipamentos não superam preconceito

Com software especial e máquina braile, radialista cego produz seu programa, mas não consegue emprego fixo

DIRCEU GETÚLIO

"Muito boa tarde amigos e amigas ligados nos 1060 quilohertz! Está entrando no ar mais uma edição do seu, do meu, do nosso Domingo Especial". O locutor anuncia o início de mais uma atração na Rádio Gazeta. O programa é todo produzido por ele, com o auxílio de softwares especiais, um relógio que fala as horas através de um auto-falante e uma máquina rústica que escreve em braile. Jean Schutz não deixa a deficiência visual atrapalhar o sonho que sempre teve de ser locutor de rádio.

Durante a semana, o jornalista acessa a Internet com seu computador turbinado com programas adaptados, que lêem por meio de um recurso de voz o que está escrito na tela. "Os softwares me permitem fazer tudo o que eu preciso: acessar a internet, usar o Word (editor de textos), ter caderno de telefones, ler e-mails", explica.

Após a pesquisa, Jean começa a escrever o roteiro em braile. O material é lido em tempo real. Durante o programa, um ouvinte telefona para pedir novamente os números da mega-sena. Para quem vê, é uma angústia. Jean começa a procurar a informação naquele roteiro cheio de bolinhas em alto relevo. Para quem não vê, é uma tranquilidade. Em três segundos, o locutor encontra a informação. "Tenho facilidade, porque desde pequeno aprendo a leitura em braile", conta Schutz.

O operador de áudio, Daniel Capiotti, conta que foi estranho quando começou a trabalhar com Jean. "No começo, não sabia se daria certo. Mas



DIFICULDADE Fama não garante emprego fixo ao radialista Jean Schutz

depois você percebe que ele já sabe muito bem o que fazer". E sabe mesmo. No intervalo, quando os microfones são desligados e é permitido falar, Jean começa a digitar. Escreve em braile o nome de todas as pessoas que ligaram para concorrer ao sorteio do programa. Quando volta ao ar, Jean pede

ajuda: "Diga um número de um a dez, Daniel"

## Preconceito

Mesmo com a boa audiência do seu programa, Jean Schutz não possui vínculo empregatício com a rádio. É ele quem faz a correria para conseguir patrocinadores e manter o Do-

mingo Especial no ar. Por isso, procura outro lugar para trabalhar durante a semana.

Formado em jornalismo desde o ano passado na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Jean acredita que está desempregado por preconceito. "No meu currículo está escrito que fiz cursos na Acic (Associação Catarinense para Inclusão do Cego). É bem fácil descobrirem que sou cego", comenta.

Até o ano passado, o locutor estagiou na assessoria de imprensa da Brasil Telecom. Lá, possuía um computador com os mesmos programas que utiliza em casa. Redigia textos, pesquisava na internet e entrava em contato com outros profissionais. "A empresa que quer contratar um cego tem que fazer as adaptações necessárias", explica. Se isso for um incômodo, ele mesmo facilita: "Tenho um CD com os programas que preciso para trabalhar. É só colocar na máquina e rodar".

# Aparelhos do dia-a-dia facilitam integração de surdos

A entrevista não poderia ter sido feita de outra forma: por meio do MSN Messenger. Afinal, a bacharel em Ciências da Computação, Mariana Campos, é surda e utiliza dessa tecnologia para se comunicar com os outros. Além dis-

so, mensagens pelo celular, e-mails, fax, televisão com legendas e campanhas luminosas permitem uma rotina vantajosa em relação ao passado.

Mariana Campos se comunica bastante e no dia da entrevista já tinha enviado cerca de

15 mensagens. Também utiliza o celular como despertador. A pedagoga Karin Strobel – surda desde os quatro meses quando um médico receitou-lhe um antibiótico muito forte – conta que antigamente fazia uma verdadeira gambiarra para acordar. "Eu usava um despertador que estava ligado com o abajur. Quando o despertador tocava, o abajur acendia na minha cara".

Era um método primitivo, tal como está se tornando o TDD, o aparelho telefônico para surdos. No aparelho adaptado, a mensagem é digitada em um teclado acoplado no aparelho. Na central telefônica, um operador lê o conteúdo para quem está do outro lado da linha. O problema é que a falta de privacidade na conversa está afastando alguns surdos desse tipo de tecnologia. É o caso do professor

Rodrigo Marques, surdo desde os 6 anos por causa de uma meningite, que não utiliza o aparelho há mais de um ano. "Não gosto desse sistema. Para me achar, só na base do celular", comenta.

Apesar de ter se tornado mais independente, o professor não acredita que com a tecnologia esteja mais livre. "Agora, a filha sabe onde você está, o chefe e o colaborador também", brinca, embora reconheça que o benefício seja maior. Antes, se Rodrigo quisesse se informar de algo, precisava da boa vontade de alguém.

E a vida da Mariana, então? "Eu sofri demais! Tinha menos contato, menos amizades. Ufa!", desabafa. Sem a tecnologia, ela acha que ficaria perdida. "Era muito cha-

to depender dos outros. Nem posso imaginar", diz. Hoje, a facilidade é muito maior. Como conta Rodrigo Marques: "Quando não estou a fim de fazer o rango, mando a mensagem para o restaurante e o Xis está na mesa!". (DG)



FACILIDADE MSN ajudou Mariana a se comunicar melhor no trabalho



AVANÇO Tecnologia tornou o TDD primitivo

# Portas abertas para deficientes visuais

Lei garante vagas em empresas para cegos, mas mercado de trabalho ainda enfrenta dificuldades para contratá-los

CAROLINE MAZZONETTO

Cíntia Assmann trabalha há nove meses em uma empresa de telemarketing de Florianópolis. Era monitora na área de controle de qualidade, mas começou a sentir dores pelo uso excessivo do computador e foi transferida para a recepção. A história é comum, mas tem um diferencial: ela é quase cega. Com 10% de visão no olho direito e nada no esquerdo, está entre os cerca de 2,4 milhões de brasileiros que têm dificuldade para enxergar ou são cegos. "Algumas pessoas se admiram e dizem: 'ai, você trabalha, como consegue?'" , comenta.

Antes da empresa de telemarketing, era funcionária da biblioteca da Associação Catarinense para Integração do Cego (ACIC), da qual é sócia há dois anos. A entidade possui 700 cadastrados e foi criada em 1977. Desenvolve atividades ligadas à reabilitação e à profissionalização dos deficientes visuais,

além de fazer o intermédio entre empregadores e cegos que querem trabalhar.

Para os empregadores, além de respeitar a lei das cotas (veja box), contratar pessoas com deficiência visual é uma vantagem. Gabriela Cordeiro, assistente de pessoas na empresa onde Cíntia trabalha, cita o caso da funcionária com baixa visão que foi transferida do telemarketing para o controle de qualidade por causa da audição apurada. "Eles têm auto-estima diferenciada. São detalhistas, captam mais informações". Dos cinco mil funcionários da empresa nas filiais de Florianópolis, 12 possuem baixa visão e um é cego.

Não há dados formais, mas a coordenadora de profissionalização da ACIC, Denise Pacheco, estima em 100 o número de deficientes visuais atuantes

tam são as de professor, músico, telefonista, operador de raio-x, técnico administrativo do Governo e massoterapeuta – caso da autônoma Leoni Artmann.

Com 1% de visão, Leoni possui um consultório de massoterapia e trabalha duas tardes por semana em um clube da cidade. Aprendeu a profissão em um curso do Senac em 1991; entre os alunos, era a única deficiente visual. "Difícil sempre é, mas tive sorte". Ela trabalha de segunda a quinta-feira e nas épocas de mais movimento atende até sete clientes/dia. No pequeno consultório, o único equipamento adaptado é o relógio de pulso que fala as horas.



CAROLINE MAZZONETTO

GLAUCOMA Recepcionista tem a doença desde o nascimento

no mercado de trabalho da capital. "É difícil achar vaga. Não é fácil para quem enxerga, imagina para quem não vê", explica. As ocupações que mais contra-

movimento atende até sete clientes/dia. No pequeno consultório, o único equipamento adaptado é o relógio de pulso que fala as horas.

lei das cotas +

## Difícil contratar, pior para fiscalizar

O artigo 93 da lei federal no 8213 é claro: empresas com 100 ou mais funcionários devem ocupar entre 2 e 5% de seus cargos com portadores de deficiência – inclusive visual. Mas a legislação é desrespeitada e a fiscalização da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) não é rígida. A explicação para isso é a de que faltam pessoas com deficiência habilitadas para trabalhar, o que dificulta a ocupação das vagas. "O respeito à lei pelas empresas é parcialmente espontâneo, mas a fiscalização não pode ser massiva por causa desse problema", afirma Fernando Rigol, auditor fiscal do trabalho do Núcleo de Apoio a Programas Especiais da DRT em SC.

# Sinais e conhecimento na escola

MARINA GAZZONI

Os alunos da 5ª série sentam-se em círculo para ouvir as propostas de uma das chapas que concorre à eleição da diretoria da Escola de Educação Básica Lauro Müller. Olhos atentos à candidata. Quatro alunos não ouvem a professora e olham para outra pessoa. Trata-se da intérprete Cláudia da Cunha, que traduz as aulas em libras para estudantes com deficiência auditiva.

Através do projeto *Língua de Sinais – Libras em contexto e educação bilíngüe para surdos*, fundado em 2003 e testado pela primeira vez nessa escola, a Lauro Müller conta com duas intérpretes para atender os seus sete alunos com problemas de audição. Durante as aulas, elas se posicionam ao lado dos professores e transmitem os conteúdos.

Segundo Cláudia, o desempenho dos estudantes surdos depende da postura da família ao educar a criança. "Os pais confundem deficiência auditiva com mental. Pensam que ela não é capaz de entender nada e não a matriculam na escola, não os educam, por isso eles têm mais dificuldade em aprender".

Luiz Silveira e Deivid de Melo têm 14 anos, estão na 5ª série e já vivenciaram esse problema. É a primeira vez que estudam com crianças ouvintes. Eles são dois dos 1570 estudantes da rede estadual de ensino com deficiência auditiva.

Os deficientes auditivos sentam-se próximos na sala de aula para enxergarem a intérprete. No intervalo, formam um grupo a parte nos corredores do colégio. O motivo do distanciamento, segundo Luiz e Deivid, é a dificuldade de comunicação entre eles, pois nem todos entendem libras.

Durante as atividades em grupo, professores procuram formar equipes mistas entre ouvintes e não ouvintes. Resultado: o contato com surdos fez com que alguns estudantes assimilassem a língua de sinais. "Um dia me atrasei e quando entrei na sala outro aluno tentava traduzir a aula em libras para os colegas", conta Cláudia.

Apesar de aprovar a iniciativa, os garotos revelam que se pudessem escolher gostariam de estudar em uma escola especial para deficientes auditivos, com professores surdos e material didático diferenciado. Para eles, a criação de uma escola especial tornaria o processo de aprendizado mais rápido, tanto para alunos quanto para professores.

Para Cláudia, a criação de escolas especiais para deficientes auditivos facilitaria o desenvolvimento dos alunos, através da utilização de método não oral de ensino. Destaca a necessidade de recursos visuais para lecionar e a utilização de libras pelo próprio professor como formas de otimizar as aulas. "É o sonho de todo professor, pai e aluno".

Sonho distante. A diretora de ensino e pesquisa da Fundação Catarinense de Educação Especial, Laureci Wiggers, esclarece que não há escola específica para surdos no estado e não há previsão de criação de uma. Santa Catarina tem 141 escolas com deficientes auditivos, mas apenas 84 intérpretes em sala de aula. "Faltam profissionais qualificados para trabalhar com língua de sinais".

Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o projeto 'A universidade como espaço de estudos e pesquisa para todos: uma inclusão necessária' foi aprovado pelo Ministério da Educação (MEC) em julho desse ano. Mais um passo para a inclusão de alunos com deficiên-



MARINA GAZZONI

LIBRAS Um professor a mais nas salas da Lauro Muller

acesso às universidades +

## Inclusão chega tímida à UFSC

Melhorar o acesso de alunos portadores de necessidades especiais ao Ensino Superior. Essa é a proposta do programa 'Incluir', criado pelo MEC e que já ajudou projetos de inclusão de diversas universidades do país. Na UFSC, esses avanços são tímidos. "Isso ainda é recente para nós, por isso não estamos devidamente preparados", explica Suzani Cassiani de Souza, diretora do Departamento de Ensino e Graduação da universidade. Entre as mudanças, alunos surdos dos cursos de Mestrado e Doutorado agora já contam com o auxílio de três intérpretes. Eles lêem todos os textos e traduzem os conteúdos das aulas aos alunos, tanto gestos para surdos como sinais verbais para cegos. Mas o número de intérpretes é considerado pequeno, pois a linguagem de sinais exige sempre dois profissionais, que se revezam para conseguir acompanhar o ritmo das aulas.

EDLENA BARROS



# Química corporal contribui na conquista

Da troca de olhares ao primeiro beijo, o corpo humano usa todos os sentidos nas tentativas de fisgar o sexo oposto

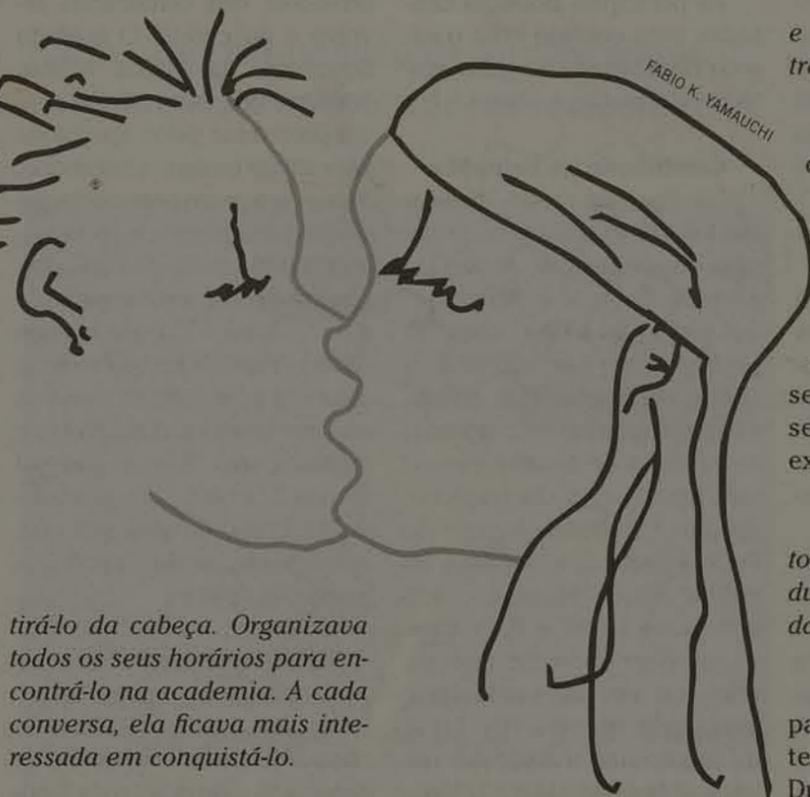
TICIANI AGUIAR

Depois das férias, ela voltou à academia para continuar seu estágio. Quando chegou à recepção, notou que havia um menino novo trabalhando ali. Estava com pressa e não reparou muito nele, chegaram apenas a trocar algumas frases.

Os dias se passaram e a intimidade começou a aumentar. Os cumprimentos saíram do "oi" e "tchau" e tornaram-se um beijinho no rosto. O carinho e a simpatia do menino, somados a beleza física, chamaram a atenção dela. E, num pulo, começaram as trocas de olhares.

Durante o período da conquista, a visão é o primeiro sentido a ser explorado. O sexólogo Roberto Warken explica que o homem procura a parceira pelo visual, isso devido ao histórico da sociedade mercantilista de venda do corpo. Já a mulher prioriza a personalidade e busca um companheiro que tem potencial para prover e proteger seus filhos.

A partir da troca de olhares, ela não conseguia mais



tirá-lo da cabeça. Organizava todos os seus horários para encontrá-lo na academia. A cada conversa, ela ficava mais interessada em conquistá-lo.

A audição manifesta-se na conquista através do timbre e do tom da voz. Pode ser que a voz do outro não seja bonita, mas o que importa é a maneira como as palavras são ditas e o que é dito. "Essas mensagens são interpretadas pelo cérebro como boas, ruins ou suspeitas", afirma Warken.

No mundo de hoje, a tecnologia não poderia estar

longe dos romances. Assim, as conversas da academia começaram a se prolongar via internet. E não demorou para combinarem uma saída. Foi dele a iniciativa. Convidou-a para assistir o jogo do Brasil contra a Argentina na casa de um amigo. Ela, interessada nele, não recusou o convite. Durante o jogo, não houve nada demais. Apenas ficaram sentados lado a lado

e às vezes um corpo encontrava o outro.

São os chamados códigos do contato. Warken esclarece que a forma como as pessoas se tocam também é uma maneira de comunicação, interpretadas pelo cérebro. "A partir de um toque você sabe se está recebendo apoio ou se está sendo reprimido, por exemplo".

Fim de jogo. O menino, com todo seu cavalheirismo, a conduziu até em casa e na despedida, rola o primeiro beijo.

A língua é a base de todo o paladar; e a boca, uma das partes mais sensíveis do corpo. Durante um beijo, a textura da língua envia ao cérebro, através de terminações nervosas, as sensações havendo assim a liberação de substâncias que causam bem-estar (veja a matéria abaixo). O curioso é que na troca de saliva, a boca é invadida por cerca de 250 bactérias, nove miligramas de água, 18 de substâncias orgânicas, sete decigramas de albumina, 711 miligramas de materiais gordurosos e 45 miligramas de sais minerais.

O primeiro beijo foi apenas o começo do romance. Depois de 22 dias, ele e ela começaram a namorar e ficaram juntos por um ano e três meses. Nesse espaço de tempo, rolou muita química entre o casal.

A química de um relacionamento é consequência dos ferormônios, afirma Warken que os define como "cheiro da pessoa", apesar de associarmos o cheiro de alguém ao perfume que usa. São substâncias inodoras, exaladas pela pele e responsáveis pela comunicação subconsciente. De acordo com o sexólogo, estudos recentes demonstram os seres humanos possuem uma estrutura na cavidade nasal denominada órgão vomeronasal, cuja finalidade é detectar sinais químicos envolvidos no comportamento sexual.

Warken explica que a existência dos ferormônios em animais já é comprovada. É através dessas substâncias que acontece a comunicação entre indivíduos da mesma espécie, seja para informar onde encontrar alimentos ou se defender de predadores, mas, principalmente, serve como forma de reconhecimento e atração sexual.

## Sensações estimulam cérebro a liberar hormônios

Troca de olhares, perfume, palavras de amor ditas ao pé do ouvido, mãos dadas, beijos. Basta sentir. Afinal, quem nunca se apaixonou? A novidade é que os cientistas falam agora em fisiologia da paixão. Atribuem as respostas físicas e emocionais aos neurotransmissores, que coletam informações através da visão, audição, tato, paladar e olfato. De acordo com o sexólogo Roberto Warken, essas informações juntas são decodificadas pelo cérebro, e determinam nossas escolhas, tendências e comportamentos.

Quando nos apaixonamos, sentimos euforia, alegria, prazer, satisfação, mas também, tristeza, angústia e uma boa dose de ansiedade. As alterações de humor são provocadas pelas mudanças químicas em nosso corpo que, na fase da conquista, aumenta a síntese

de três substâncias neuroquímicas: feniletilamina, dopamina e ocitocina.

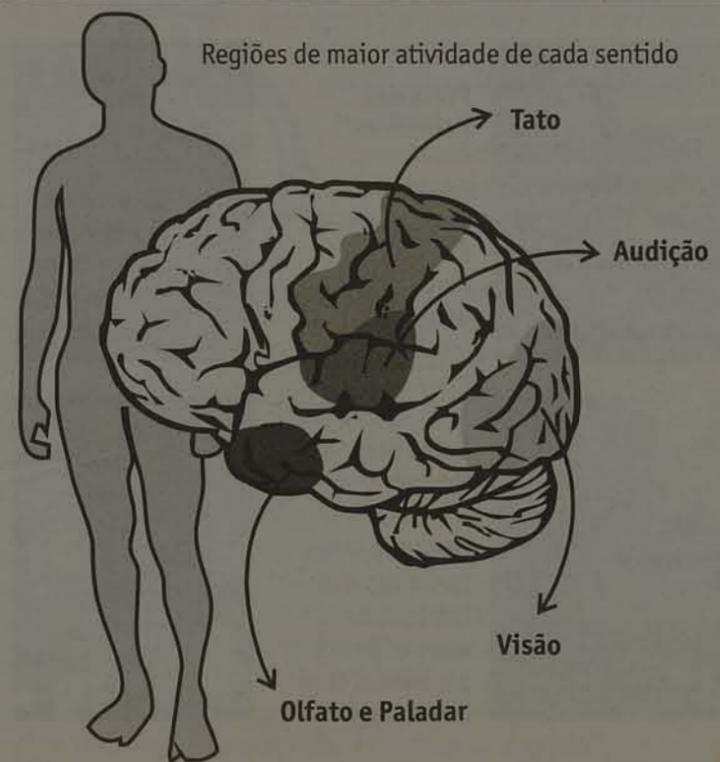
A feniletilamina é responsável pelas sensações de prazer e felicidade, permite aliviar tensões, e ajuda a relaxar. Foi descoberta há mais de um século, mas só no estudo recente dos médicos Donald F. Klein e Michael Lebowitz, do Instituto Psiquiátrico Estadual de Nova Iorque, é que se começou a relacioná-la à paixão. Esses cientistas sugerem que o cérebro de uma pessoa apaixonada produz feniletilamina acima do normal.

Outro fato é que quando terminam um namoro, algumas pessoas logo correm para um novo companheiro: o chocolate, pois ele também possui feniletilamina, ainda que em pequena quantidade. Aliás, todos os alimentos considerados afrodisíacos contêm essa substância.

Já a dopamina promove a sensação de apreensão, desassossego, perda de apetite, euforia, insônia e o pensamento obsessivo na pessoa amada. Esse neurotransmissor está relacionado com a endorfina, a morfina natural do corpo e responsável pelo prazer, seja ele sexual ou vindo de emoção amorosa. Dessa forma quando qualquer pessoa tem um orgasmo, por exemplo, os níveis de endorfina e dopamina aumentam drasticamente no cérebro.

Nas duas últimas décadas, estudos sugerem que a ocitocina produzida pelo nosso organismo é capaz de induzir a fidelidade. Essa substância determina a preferência sexual, formação de vínculo afetivo, diminuição de agressividade, aumento no instinto de proteção, doação e entrega, propondo assim a fidelidade. (TA)

no cérebro



# Sentidos que se cruzam e se completam

Sentir o sabor das músicas, ouvir o som dos cheiros, ver as cores do orgasmo. Essas são modalidades de sinestésias

VITOR HUGO BRANDALISE

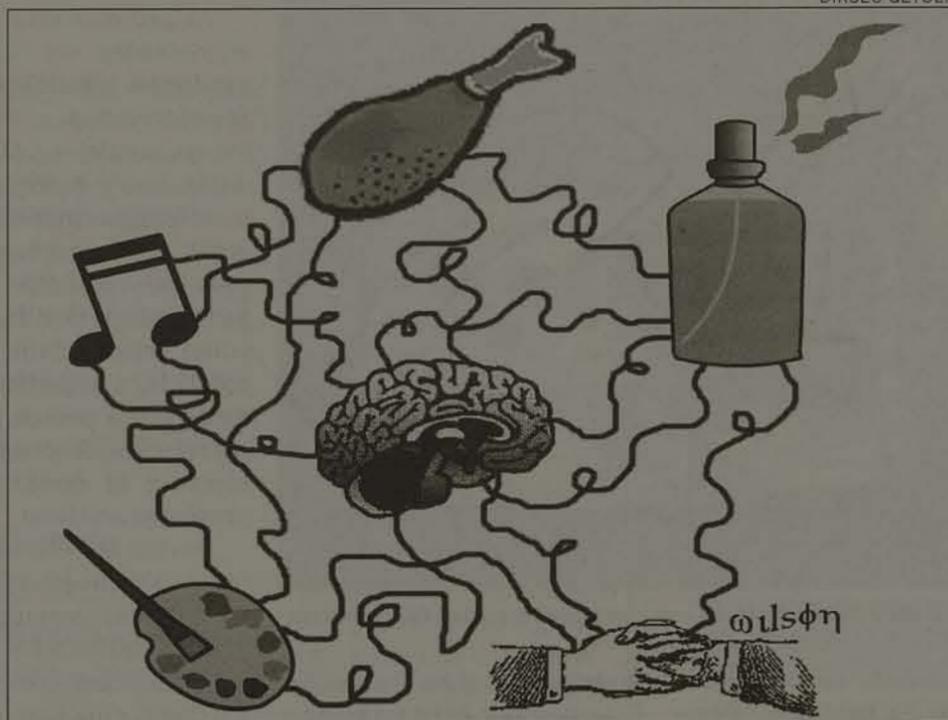
Ana Carolina adora o gosto do peixe frito, da melancia, do bolo de chocolate e do amarelo-claro. Ela também gosta do marrom, mas só uma pitada: se colocar demais, estraga. Fica muito forte. Para Thiago, a música *Velha Infância*, dos Tribalistas, é como um creme denso. Pode ser colocada em cima da língua e apertada contra o céu da boca até que derreta. E Gabriela... bem, Gabriela diz que ao fazer sexo os sentidos se misturam, "as sensações são coloridas, explosivas, simultâneas..."

O que essas pessoas têm em comum é que são portadoras de uma condição neurológica chamada sinestesia, na qual o estímulo em um dos sentidos provoca percepção automática em outro. Estima-se que uma em cada 2 mil pessoas no mundo tenham tendências sinestésicas.

Os portadores, denominados sinestetas ou sinestésicos, sabem o gosto das cores, a cor dos sons, a textura das músicas. Tudo de maneira aleatória e involuntária. "Sinto isso desde criança, mas não é toda hora, às vezes fico dias sem sentir", diz Ana Carolina Fernandes, 23 anos, estudante de Nutrição da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e sinesteta da "modalidade" sabor das cores. A cor que acha mais gostosa, aliás, é o amarelo-claro, cujo gosto sente, geralmente, quando come doces.

## Não é doença

Os sinestetas não se queixam de sua condição. A maioria não vai ao médico e descobre a sinestesia pesquisando por conta própria ou conversando com outros portadores. "Quando criança, achava que era assim com todo mundo", conta a estudante de Psicologia Gabriela Amaral, que, en-



DIRCEU GETÚLIO

tre outras manifestações sinestésicas (veja os casos na matéria abaixo), vê cores nos números e palavras. "A sinestesia não é problema porque é natural. Não descobri que sou sinesteta, descobri que muitas pessoas não são", diz a menina, que teve problemas nas aulas de artes porque confundia as cores dos lápis (exemplo: para Gabriela, a cor da palavra "azul" é verde).

A ciência ainda não encontrou explicação definitiva para o fenômeno, mas a teoria mais aceita é do neurologista americano Richard Cytowic, autor do livro "Sinestesia, a União dos Sentidos". Segundo Cytowic, há uma espécie de "fiação cruzada" no cérebro dos sinestetas. Indeciso sobre o local para onde deve enviar um determinado estímulo, o cérebro acaba transmitindo-o para duas ou mais áreas sensoriais ao mesmo tempo, unindo sentidos que deveriam permanecer separados.

Em seu estudo, o neurologista analisou 738 casos e percebeu que a sinestesia é até três vezes mais comum nas mulheres. Devido ao grande número de casos de sinestesia em pessoas da mesma família, concluiu também que a condição é transmitida geneticamente. Cytowic ainda catalogou 39 variações de sinestesia (tabela disponível em: [www.cytowic.net](http://www.cytowic.net)).

## Me explica o gosto da maçã!

A estudante Ana Carolina afirma que é comum as pessoas não acreditarem em sua condição de sinesteta. Dizem que ela faz mera associação entre cores e sabores. "Já procurei um fisiologista e ele disse que eu apenas associava. Não é isso. Sei o que é associação. É diferente", explica. Em entrevista ao *Zero*, Richard Cytowic tranquiliza-a. "Por 20 anos lutei contra o ceticismo e a resistência dos cientistas ortodoxos. Hoje, no entanto, há

## Saiba as características

Estudada desde 1880, quando o psicólogo Francis Galton publicou um estudo de caso na revista *Nature*, a sinestesia, do grego *Syn* (união) + *aisthesis* (percepção), possui quatro características principais:

- 1 - A condição é involuntária. Os sinestetas não pensam nas percepções, elas simplesmente acontecem.
- 2 - É projetada: eles não imaginam uma cor dentro da mente, mas a vêem projetada fora do corpo.
- 3 - É durável: a percepção é sempre a mesma que a primeira vez. Se o sinesteta diz que a cor do número 7 é verde, ela sempre será assim.
- 4 - A sinestesia estimula fortemente a memória. Se o nome de alguma pessoa tem uma cor, é comum que o sinesteta lembre primeiro da cor e depois do nome do indivíduo.

FONTE: "Sinestesia: A união dos sentidos", Richard Cytowic

conferências internacionais e, em breve, deve haver estudos mais complexos de DNA e sinapses (conexão entre os neurônios) dos sinestetas", afirma.

Quando surgem as críticas, Ana Carolina já tem resposta pronta. Ela diz que sabe o gosto do morango e que conseguiria facilmente associá-lo à cor vermelha, mas não é o caso. Para ela, o vermelho tem gosto de vermelho, e não de morango, tomate, maçã ou jujuba de cereja. "Não tem como explicar. É o mesmo que eu lhe perguntar: você sabe o gosto da maçã, não sabe? Então, pense e me diga: como, exatamente, é o gosto da maçã?"

## Sinestetas mastigam música e acham o amarelo saboroso

### • Thiago: músicas amargas, macias e líquidas

Thiago Oliveira, 22 anos, programador de sistemas no Rio de Janeiro, coloca as músicas na língua, sente-as derreter na boca e descer garganta abaixo. Ele sabe as texturas e sabores das canções. Segundo Thiago, *Creep*, do Radiohead, é bem líquida e *Velha Infância*, dos Tribalistas, é macia, quase como uma mousse. *Still Haven't Found What I'm Looking For*, do U2, enche a boca: é densa, dá pra mastigar. Já a música *Bring Em Back Alive*, do Audioslave, é indigesta. "Quando chegou o solo da guitarra, eu tentei continuar ouvindo. Não consegui. Minha boca estava amarga, meu estômago embrulhado, precisei cuspir". Nunca mais ouviu a canção.

### • Gabriela e o sexo potencializado

Gabriela Amaral, 18 anos, estudante de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia-MG, é extremamente sensível. Vê as cores das músicas, palavras, dias da semana e descobre algo novo em relação à sua sinestesia todos os dias. Ela levanta a questão da sexualidade, mas prefere não tocar muito no assunto. Dá a dica, no entanto, de como a mistura de sensações funciona em um momento tão íntimo: "é como se todos os sentidos trabalhassem exaustivamente juntos. A impressão é de que as sensações são, literalmente, potencializadas".



Vitor Hugo Brandalise

ANA Doces com gosto de amarelo

### • Ana Carolina e o sabor das cores

Ana Carolina Fernandes não aprecia o sabor do cinza, presente no suco de caju e na casca do feijão velho. Sim, como 6,5% dos sinestetas, ela sente o sabor das cores. O amarelo-claro é a cor mais gostosa, o azul tem gosto exótico e raro e o marrom é como um tempero forte. Ela sente falta do gosto do verde - nem lembra mais a última vez que saboreou. Mas não é sempre que ela sente tais sabores: na refeição que fazia enquanto era entrevistada, por exemplo, Ana Carolina não sentiu gosto de verde, vermelho ou marrom, mas da alface, do tomate e do picadinho de carne mesmo.

# O chá alucinógeno que é religião

Sagrada para o culto do Santo Daime, a bebida ayahuasca destina-se à purificação espiritual

Dalmo chega às 19h30. O local é a Igreja Valdete Mota de Melo, no bairro Vargem Grande – uma pequena capela de vidro rodeada por pedaços preservados da Mata Atlântica. Dentro, apenas uma mesa em forma de estrela e outra onde será colocado o Daime. “À medida que as pessoas entram, elas tomam o chá e sentam-se nas cadeiras ao redor da mesa principal. Tomei de um gole só. Arrependi-me, devia ter saboreado aquela bebida sagrada”, descreve Dalmo.

Foram três horas em transe vividas pelo universitário Dalmo Borba, que tomou o chá de Santo Daime pela primeira vez. Logo depois, sentiu-se aliviado, mas ainda um pouco fora de si. Durante a cerimônia, o estudante mal percebeu quando inesperadamente adentrou na viagem espiritual.

Iniciada pelo seringueiro Raimundo Irineu Serra, na Amazônia, o Santo Daime é uma doutrina cristã na qual se bebe a ayahuasca, um chá de coloração marrom escuro, feito a partir de talos socados do cipó Caapi (também conhecido como Jagube) mais as folhas da chacrona (tam-



PREPARO O chá é feito basicamente com cipó jagube lascado e folha chacrona

bém chamada de Rainha). A intenção da bebida é “alcançar o eu superior”, através da “expansão da consciência”.

O Mestre Irineu bebeu com os caboclos que herdaram de seus ancestrais indígenas a cultura de tomar a ayahuasca. A partir daí, criou o culto do Santo Daime que consiste em comungar a bebida como sacramento religioso nas datas previamente definidas. Difundida pelos hippies durante os anos setenta, atualmente há 46 centros no Brasil, de Porto Alegre à vila de Céu do Mapiá, no sul do Amazonas,

onde está localizada a matriz. Estima-se que existam no país cerca de 10 mil praticantes da doutrina.

A maioria dos daimistas vive em comunidades, como é o caso do centro na Vargem Grande, em Florianópolis. Aproximadamente vinte famílias moram ao redor da igreja, onde cultivam hortas e preservam a paisagem natural, uma pequena área da Mata Atlântica. O chá é produzido numa casa de feitiço em janeiro, quando ocorrem diversas celebrações durante as quais ele é bebido.

As propriedades químicas encontradas no ayahuasca produzem alucinações que, segundo estudos, variam entre os usuários. Alguns vomitam, pois é normal sentir o estômago embrulhado. Em geral, as “mirações” dependem das condições físicas e psicológicas dos indivíduos, como sensibilidade e personalidade, a expectativa ou o medo que a pessoa possa ter em relação aos efeitos, ao ambiente e às demais pessoas presentes no ritual.

Devido aos efeitos calmantes e alucinógenos do chá, foram feitas pesquisas sobre as conseqüências e a prática do Daime em comunidades. Em 1987, concluiu-se que os rituais religiosos realizados com a ayahuasca não traziam prejuízos à vida social, e sim contribuía para a sua maior integração. Sua legalidade seria finalmente reconhecida em 1994, mas ainda hoje a discussão persiste. Há quem diga que o chá é uma droga como outra qualquer.

Para o estudante Dalmo, a experiência que passou naquela noite é indescritível. “Não há como explicar o que aconteceu. Palavras só diminuirão o que senti.”

## “O ambiente é ideal para viajar”

Os hinos começam a ser cantados, acompanhados por violões, chocalhos e um acordeom. Homens de um lado e mulheres de outro

cantam alegremente fazendo referências a Jesus e ao Santo Daime. Após alguns hinos, as luzes são apagadas e só é possível enxergar graças a algumas velas. O clima parece ser cuidadosamente preparado para “viajar”.

Sinto-me deslocado, aguardo os efeitos da “bebida mágica” ansiosamente. Quando sinto algumas vibrações em meu rosto e minha cabeça amolece um pouco, atento-me. Será que está começando? Não, estava enganado. Não reparei de onde veio, mas quando me peguei, estava totalmente alterado.

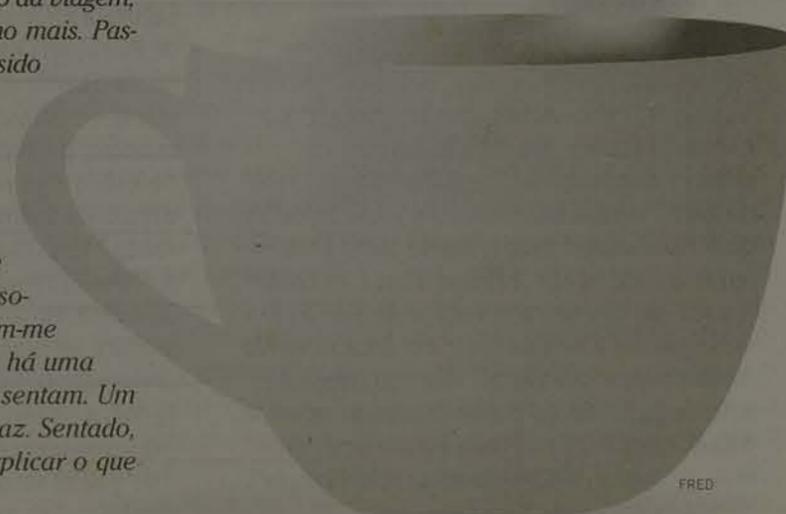
Mergulho numa veloz viagem em meu subconsciente. Sinto dificuldades em organizar os pensamentos. De repente tenho dez anos e estou deitado na cama de minha mãe, que me traz um café. Sinto cheiros, que me explicam tudo, e ao mesmo tempo tento descobrir de onde eles vêm. O que é isso? Ainda tenho consciência para olhar algumas pessoas que oram com os olhos tranqüilamente cerrados. Como elas conseguem?

Pareço entrar em transe. Minha visão está emba-

çada, sinto cócegas em meu pescoço. Tudo passa por minha mente como num filme que corta cenas freneticamente. A realidade é outra, não a que vivi até então. Várias verdades me acometem como sentidos. Ao fundo, ainda consigo escutar o belo e triste som do acordeom.

Sinto dificuldades em pensar. Não tenho alucinações, apenas sei, sinto. Sinto que todos ali sabem. Sei que também sentem o mesmo. A dimensão é outra, a realidade também, e tudo parece fazer muito mais sentido aqui, desse lado. Aos poucos, volto da viagem, embora ainda queira sentir um pouquinho mais. Passaram-se três horas. Achei que tivesse sido muito mais.

Os hinos são entoados novamente. Ainda sinto saudade daquela viagem interna. Nada parecido até então havia ocorrido em minha vida. O que vivi até hoje é menos real do que a viagem que recém terminei. O ritual termina, as pessoas se abraçam. Faço o mesmo. Perguntam-me como foi, se estou bem. Fora da capela há uma pequena brasa em volta da qual jovens sentam. Um deles toca uma flauta cujo som me dá paz. Sentado, penso comigo mesmo: não há como explicar o que aconteceu hoje aqui. (Dalmo Borba)



# Sexto sentido: poder da paranormalidade

Espíritas, parapsicólogos e até alguns médicos contestam o ceticismo científico para explicar os fenômenos do além

FELIPE SEFFRIN

Ver o que ninguém vê. Ouvir o que ninguém ouve. Sentir o que ninguém sente. O conceito exato de sexto sentido é indefinido. Para a parapsicologia, algo natural. Para os espíritas, sobrenatural. No dicionário, "sentido ideal, supostamente capaz de perceber o que aos outros escapa".

A parapsicologia estuda o sexto sentido como forma de interação anômala com o meio (veja box), algo inerentemente humano, "que extrapola os cinco sentidos", explica o professor Tarcísio Pallú, do Instituto de Parapsicologia de Joinville. Ele compara esta capacidade com a criatividade: todos têm, em maior ou menor grau.

No Espiritismo, o sexto sentido está relacionado com a paranormalidade psíquica, produzida pela mente, e, principalmente, com a paranormalidade mediúnica, quando há a participação

ativa de espíritos – que pode ocorrer com a comunicação através das mãos e da voz do médium. "Todos temos a capacidade de sermos influenciados por espíritos", afirma Gerson Tavares, presidente da Federação Espírita Catarinense.

Para Gerson, a desconfiança que há na mediunidade não é ruim. "O fato

“O sexto sentido é um fenômeno da vida. O que acho errado é dar explicações fantasiosas.”

**Paulo Bittencourt**  
neurologista, presidente do Centro de Estudos do HU da UFSC

de uma pessoa ser médium não a torna infalível. Nem algo vindo de um espírito é infalível". Ele condena a exploração dos fenômenos em espetáculos e programas

de auditório. "Mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente", cita Allan Kardec (1804-1869), pai do Espiritismo.

## Controvérsias

Vários pacientes relataram que sentiram a dor de parentes distantes ao neurologista Paulo Bittencourt, presidente do Centro de Estudos do Hospital Universitário da UFSC. "Se você joga uma onda de pensamento no ar, é possível que alguém capte", comenta o médico. Seu cachorro o espera todos os dias no portão, em horários diversos, o que, segundo ele, seria prova dessa transmissão de ondas. "O sexto sentido é um fato. Um fenômeno da vida. O que acho errado é dar explicações fantasiosas, cheias de cunho religioso".

Bittencourt lembra que fenômenos são sobrenaturais quando não há esclarecimentos, como era o fogo dos Caramurus aos índios

no Brasil de 1500. A ciência já comprovou que a mulher é mais intuitiva por ter o hemisfério direito do cérebro mais desenvolvido do que o do homem, mas ainda está longe de ter uma explicação unânime sobre o sexto sentido. "Um dia o homem poderá explicar tudo, quem sabe até Deus. Por enquanto, a neurologia não consegue".

O neurologista critica o ceticismo e a ausência de percepção nos médicos, que

fazem consultas genéricas e receitam inúmeros exames e remédios. Falta educação, otimismo e simpatia. "É preciso ter sexto sentido para saber que uma música tranquila, um cheiro agradável e uma paisagem bonita acalmam muito mais que qualquer remédio? Não. Basta sensibilidade."

"Se o homem soubesse de toda a sua capacidade, não viveríamos nessa vida filha da puta!".

## fenômenos paranormais

A parapsicologia estuda a ocorrência de fenômenos psíquicos chamados paranormais, de causas não totalmente conhecidas. Além de telepatia, premonição e levitação, os principais são:

**Clarividência** – Ver através de corpos opacos ou coisas invisíveis ao olho nu, como a aura humana, luminosidade que contorna o corpo físico;

**Clariaudiência** – Ouvir sons, músicas e vozes que outras pessoas não ouvem;

**Telecinesia** – Movimentar objetos com a força da mente;

**Psicocinesia** – Transmissão de energia que provoca estimulação ou alívio em pequenas moléstias.

Fonte: Parapsicologia – Através de perguntas e respostas. Editora Ediouro

## Dona Lurdes conversa com espíritos, cura males e enxerga doenças sem examinar

No dia 11 de setembro de 2001, milhões de brasileiros acompanhavam pela televisão os esforços dos bombeiros em busca de sobreviventes no atentado às Torres Gêmeas. Dona Lurdes não. Seu corpo estava repousado na cama de sua casa, em Florianópolis. Sua alma estava lá, a milhares de quilômetros, entre escombros e explosões, ajudando um homem a se salvar. Teve um desdobramento.

Dona Lurdes Maria Alves Pereira, de 77 anos, é médium. Revela ser capaz de ver e se comunicar com espíritos, enxergar doenças sem qualquer exame, e curar pequenos males com a energia das mãos. Há mais de 50 anos utiliza a mediunidade para ajudar gratuitamente as pessoas que recebe no Centro Espírita Seara dos Pobres, no bairro Capoeiras. Em troca, não gosta de receber nada, nem um 'muito obrigado'.

Aos 17 anos, quando era

católica fervorosa, começou a sentir-se perturbada. Foi a um centro espírita onde lhe disseram que estava sofrendo interferências do espírito de uma freira. Recebeu orientação e em pouco tempo já estava atendendo pessoas.

A senhora de apenas quatro anos de estudo é procurada e recomendada por vários médicos. Em uma ocasião, um médico foi consultar-se com Dona Lurdes; ela deu o diagnóstico: câncer de próstata, benigno. Ele ficou surpreso. Mais ainda quando exames confirmaram a sentença. Ela estava certa. Ele foi operado.

A maioria dos casos que recebe é de problemas psíquicos, como depressão. "Desequilíbrio mental é de fundo espiritual". Trata com orientação e educação espírita, e homeopatia – exceto se já houver aconselhamento médico. Também recebe casos de dependência de drogas e álcool. "O cérebro de quem

usa drogas ferve. Ah!, se todos pudessem ver como é um cérebro saudável. É a coisa mais linda!".

Nas palestras que profere, Dona Lurdes recebe inspiração espírita e discursa por horas, sem preparação prévia. Às vezes, conta, os espíritos querem se comunicar, mas ela não deixa. Em outras ocasiões é inevitável. Durante uma reunião de diversos integrantes do centro espírita, ela recebeu a inspiração do fundador da casa. Quando voltou a si, não se lembrava de absolutamente nada. À sua volta, todos estavam chorando de emoção.

Dona Lurdes acredita na mediunidade porque vê, mas foi difícil acostumar-se com o dom. "Muita gente acha que a gente inventa, mas eu falo o que vejo, e se não vejo não falo. Ninguém morre. Morre o corpo, mas o espírito continua. Graças a Deus encontrei a verdade". (FS)

## A arte de sair do corpo e conhecer outra dimensão

Não é preciso ir muito longe para viajar a outra dimensão. Basta conseguir sair do próprio corpo. É o que acreditam os adeptos da projeção – estudo das experiências fora do corpo, projeções da consciência para outras dimensões.

Há dois tipos de projeção da consciência. A Experiência de Quase Morte (EQM) ocorre quando, após sofrer um acidente ou uma parada cardíaca, a vítima relata diálogos e ações que em tese não conseguiria saber por estar inconsciente. O outro tipo é a projeção induzida, realizada através de estudo, exercícios mentais e relaxamento corporal.

Quem tem uma projeção diz ter a sensação de estar flutuando, ver luzes difusas e visão de 360°, tudo com alta lucidez e raciocínio. Essas projeções são utilizadas para visitar pessoas à distância, indivíduos que já morreram

ou para autoconhecimento. Os animais também seriam capazes de se projetar. "Já encontrei meu cachorro várias vezes em projeções", revela Ninarosa Manfroi, professora da unidade catarinense do Instituto Internacional de Projeção e Conscienciologia (IIPC).

Ela explica que o principal benefício da projeção é a perda do medo da morte. "O corpo é só um invólucro. Utilizamos a matéria para aprendizado. Não somos matéria. Estamos matéria", explica.

De acordo com neurologistas da Universidade de Kentucky (EUA), as projeções têm explicação biológica. Eles comprovaram que as mesmas regiões do cérebro se manifestam nas EQM e durante o sono REM (*Rapid Eye Movement*) – estágio do sono em que ocorrem os sonhos. A Experiência de Quase Morte seria uma manifestação destas partes do cérebro. (FS)

# Os sons do piano pelas mãos do afinador

Profissionais da afinação devem ter habilidade e boa audição para deixar as notas dos instrumentos nos tons certos

PAOLA BELLO

Um toque no diapasão – instrumento de ferro, parecido com um garfo de dois longos dentes – e o som da nota Lá se propaga no silêncio. Concentração, habilidade e técnica para manter o som na mente ao mesmo tempo em que, pressiona com uma das mãos a tecla desafinada, e com a outra torce a chave, estica e afrouxa a corda que a sustenta, até que os dois soem exatamente iguais. Com o a primeira tecla afinada, o exercício de tocar, ouvir, torcer a chave e voltar a ouvir é repetido nas outras 87 teclas, quantas vezes forem necessárias, até que todas soem tons e semitons nas devidas vibrações e intensidades.

Por 25 anos, Christtiano Bartosiak, fugiu das aulas de piano e de qualquer contato físico com o instrumento. Por mais que a mãe, professora de música, e o pai, vendedor da maior marca de pianos da América Latina, quisessem que ele desenvolvesse habilidades musicais, o máximo que ele se dispôs foi iniciar as aulas e desistir logo em seguida. Há três anos, porém, ele aceitou uma tarefa tão desafiadora quanto se tornar um grande pianista: aprender as técnicas da afinação.

“Em 2003, o afinador que trabalhava com o meu pai saiu da empresa, e eu me vi em uma situação onde precisava fazer alguma coisa. Decidi largar minha própria empresa e mudei pra São Paulo, dentro da fábrica da Fritz Dobbert”. Por dois meses, Christtiano morou literalmente com os pianos. Na fábrica, dormia e acordava rodeado por peças, teclas e cordas, aprendeu na prática as partes que compõem o instrumento e todos os passos que se deve dar para conseguir uma afinação perfeita.

Mas não basta apenas saber as técnicas, é necessário saber ouvir. “É possível treinar o ouvido para reconhecer os sons, mas isso demanda tempo, paciência e muita prática. No meu caso, tive mais facilidade porque tenho ouvido absoluto – habilidade de reconhecer com precisão uma nota musical e da frequência do som –, o que não me poupou da dedicação e da persistência”, explica o afinador. No início, ele demorava de seis a sete horas para deixar um instrumento perfeitamente afinado; hoje, consegue o mesmo resultado dentro de 50 minutos a uma hora e meia.

E pra quem pensa que Christtiano é um caso raro por não saber tocar pia-



TALENTO Bartosiak não toca piano, mas tem o ouvido apurado para reconhecer os sons

no, vale o comentário: “Em todo o tempo que vejo o meu pai vender pianos, nunca encontrei um pianista sequer que saiba afinar, mas também não conheci algum afinador que possa dizer

com autoridade que sabe tocar piano”, brinca o afinador, que, por três meses, acompanhou, em turnê, o pianista Arthur Moreira Lima. O próximo desafio? “Já retomei minhas aulas de piano”.

## A arte da degustação está ao alcance dos amadores

Especialista diz que uma pessoa saudável tem todo o equipamento biológico necessário para tornar-se um degustador

DAIANE FAGUNDES

O degustador pode ser considerado uma artista. Ela representa muito mais do que saciar fome e sede; utiliza todos os sentidos humanos em função de comer e beber. Para quê? Tudo em nome do prazer de saborear.

Há quem tenha feito da degustação uma profissão, como degustadores de vinho, café, cachaça, e cerveja, etc. Porém qualquer pessoa, profissional ou não, pode se tornar um degustador. O médico otorrinolaringologista Juliano Cardoso, explica que, salvo deficiências e/ou problemas de saúde, a princípio, todos os humanos possuem o mesmo número de papila gustativas, responsáveis pela percepção dos sabores (doce, salgado, azedo e amargo) na língua. Mas, para existir, o paladar precisa do auxílio do olfato,

cujo instrumento é o nariz. Juntos, olfato e gustação são responsáveis pelo sentido do paladar.

Quem imagina que degustação é algo complicado, só para *experts* ou consumidores de vinhos caros, pode mudar de idéia e, quem sabe, se tornar um degustador de cerveja, por exemplo. A degustação da cerveja envolve os cinco sentidos, ensinam Marco Aurélio Zimmermann, presidente, e Eduardo da Silva Mattos, diretor administrativo, ambos da AICCA (Associação de Incentivo à Cultura de Cervejas Artesanais). A começar pela audição. O som produzido pela abertura da garrafa indica o quanto de pressão há dentro dela, e conseqüentemente, quanto de gás carbônico. Dependendo do estilo, a cerveja deve ter mais ou menos gás: algumas são produzidas de forma semelhante aos

champanges e nestes casos, o som da efervescência do líquido no copo também é importante.

Em seguida, vem o sentido da visão. Cada tipo de cerveja é de uma cor, variando em tonalidade, de acordo com as características do estilo a qual pertence. É importante também observar o tempo que a espuma leva para se dissolver – a duração do colarinho deve ser longa –, e a marca deixada no copo, que é fundamental. Finalmente, bebe-se a cerveja, mas com calma, mantendo a bebida na boca para sentir o seu sabor e identificar se ele é doce, amargo, azedo ou salgado. Feito isso, é preciso atenção e treino para conseguir identificar o frutado da cerveja. Em geral, as cervejas naturais possuem sabor de alguma fruta. Por fim, o tato da língua permite distinguir a textura, que, em geral,

varia entre aveludada, lisa, fina, oleosa e aguada.

Para os leigos, o início pode ser difícil. Willian Blunk começou a experimentar cervejas artesanais há pouco tempo, mas admite que ainda não consegue diferenciar os sabores das cervejas pilsens, ou claras. “Acho que nunca vou aprender, devo ter uns defeitinhos na língua”. O médico Juliano Cardoso acredita que com degustadores ocorre um treinamento perceptivo e um melhor aproveitamento dos sentidos da gustação e do olfato, determinando assim um paladar mais apurado para alguns dos alimentos, através do treino.

Pode parecer muito trabalho para quem queria apenas tomar uma cervejinha. Mas o resultado é um paladar mais aguçado e bastante exigente. E quem quiser aprender não irá se arrepender, garante Marco Aurélio.

### história da cerveja

▪ Sumérios e egípcios já produziam cerveja por volta de 3000 a.C.. Os babilônicos fabricavam a bebida com cevada por volta de 4000 a.C.. A diluição da cerveja era punida com a morte pelo código de Hamurabi também na Babilônia. Chineses também fermentavam cerveja.

▪ Os povos da América já consumiam cerveja antes da chegada dos espanhóis.

▪ Na Idade Média, a cerveja já era uma mercadoria. Naquele período, os monges inovaram com a adição do lúpulo à bebida, o que lhe deu o sabor amargo e mais durabilidade. Depois disso, a cerveja se espalhou pela Europa.

FONTE: Cervezia e Ambev.

HENRIQUE SILVEIRA



EVOLUÇÃO Os treinos melhoraram a locomoção de Gilberto Amaral

# Esporte aperfeiçoa os sentidos dos cegos

A prática do goalball deixa a audição e o tato mais apurados, aumenta mobilidade e equilíbrio, e ajuda os deficientes visuais a superar limites

LUANA RECH

Silêncio no ginásio. Ao comando do árbitro, apenas o barulho dos guizos da bola, de mãos tateando o chão, e de algumas frases entre os jogadores podem ser ouvidos. O silêncio absoluto durante as jogadas é requisito fundamental para o goalball, modalidade criada especialmente para os deficientes visuais, ao contrário do futebol, do atletismo, do xadrez, da natação e do judô, que foram adaptados.

Só após um gol é que os jogadores expressam toda a emoção e importância desse esporte, cuja prática motiva os atletas não apenas durante as partidas, mas também a superar suas limitações pessoais. Como o desenvolvimento do jogo é baseado na percepção auditiva, para detectar a trajetória da bola, e no tato, para se localizar em quadra, o atleta pode utilizar a capacidade de orientação

espacial aguçada pelo jogo para auxiliá-lo na locomoção e nas tarefas do dia-a-dia.

Gilmar Silva Amaral, de 35 anos, pratica goalball há cinco anos no time da Associação Catarinense para Integração do Cego (ACIC). Ele perdeu a visão aos 22 anos em um acidente de carro e apenas percebe a luz. Hoje, trabalha como assistente técnico pedagógico e cursa faculdade de História. Amaral conta que ficou um ano e meio afastado dos treinos por falta de tempo e sentiu a diferença. "Percebi que fiquei limitado. O goalball me ajuda na mobilidade e no equilíbrio na hora de me locomover".

Os mesmos benefícios também são sentidos pela atleta Irani Aparecida Castro, de 37 anos e dez de goalball no time da ACIC. Para ela, que não enxerga nada desde os sete anos de idade devido a um deslocamento de retina, o esporte, além da percepção de espaço, faz com que desen-

volva mais os outros sentidos, melhorando seu desempenho em quadra e na sua profissão de massoterapeuta. A única queixa é a falta de tempo para se praticar mais. "Amo fazer esportes, pois me sinto útil e faço amizades", diz.

O time da ACIC do qual Gilmar e Irani fazem parte treina três vezes por semana e representa Florianópolis nos campeonatos. Teve início em 1996 e, hoje, faz parte de um projeto de extensão para alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde são realizados os treinamentos. Idealizador do projeto, o professor Luciano Lazares Fernandes avalia que é um aprendizado para todos. "São dois objetivos: oportunizar para as pessoas com deficiência momentos de prática esportiva e ajudá-las a superar limites, e contribuir para a formação acadêmica, onde futuros profissionais saberão lidar com as diferenças".

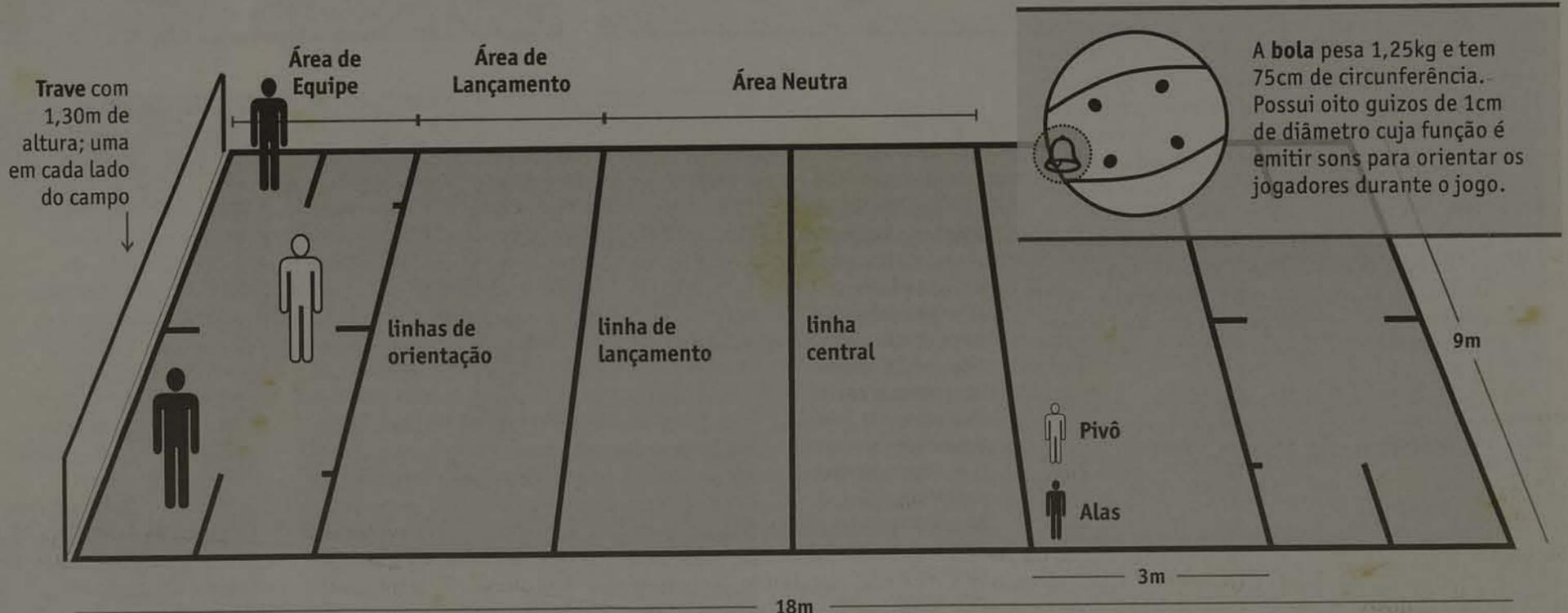
como se joga

## Concentração é importante na partida

O principal objetivo do jogo é que cada equipe jogue a bola rasteira para o campo adversário e marque o maior número de gols. A bola lançada deve tocar o solo ao menos uma vez na área de equipe ou na de lançamento e antes da linha central, depois de ter deixado a mão do jogador que a arremessou. Isso é para que a defesa possa se localizar pelos sons emitidos pelos movimentos da bola. Além disso, qualquer barulho excessivo da equipe que ataca, feito no momento de um lançamento, pode atrapalhar a concentração da equipe de defesa e será penalizado.

Os jogadores se posicionam pelas marcações na quadra feitas em auto-relevo. Quando estão na defesa, todos os jogadores ficam deitados em frente a trava para tentar impedir que o time adversário marque o gol.

por dentro do jogo



• Em 1946 o austríaco Hanz Lorenzen e o alemão Sett Reindle criaram uma atividade para ajudar na reabilitação de soldados que haviam adquirido a deficiência visual durante a Segunda Guerra Mundial. Essa foi a inspiração para o goalball.

• Cada partida será de 20 minutos, divididos em dois tempos, com duas equipes de três jogadores, que atacam e defendem.

• Não é permitido o uso de próteses, óculos ou mesmo lentes de contato.

• Os jogadores devem usar uniformes.

• Todo jogador deve usar vendas totalmente opacas, de modo que aquele que possui visão residual não possa obter vantagem sobre um companheiro totalmente cego.

• Conquistas internacionais do Brasil: prata da equipe masculina nos Jogos Pan-americanos de 1995; bronze feminino no Pan de 2001; segundo lugar da equipe feminina no Mundial de Quebec (Canadá) em 2003; participação nos Jogos Paraolímpicos de 2004.

CRÔNICA

## Sensibilidade despercebida

ANA PAULA ZENATTI

Sentada no banco da praça mais movimentada da cidade, ela percebe sons e vozes. Buzinas, conversas, saltos de sapatos, os pássaros nas árvores. Discreta, fascina-se ao descobrir novos cheiros e diferentes timbres. Saberá identificar as pessoas que sempre cruzam o local e quem é novo no pedaço. Passaria o dia inteiro observando, apesar de não enxergar absolutamente nada.

Aposto que todos nós, com os cinco sentidos em perfeita harmonia, já nos perguntamos: "Como seria não poder escutar, falar ou ver?". "Parece impossível", respondemos. Impossível porque estamos muito bem, obrigado. Quem porta alguma deficiência dos sentidos precisa se adaptar e aprender a confiar em outros órgãos do corpo humano - perfeitamente elaborado - permitindo o relacionamento com os demais.

Desde os primórdios, neandertais utilizavam gestos e sons durante a caça ou para conviverem entre si. Milhões de anos depois, estamos aqui, com a mesma necessidade de comunicação para sobreviver. Claro que, com a evolução da espécie e, tardiamente, a tecnológica, dispusemos de mecanismos que facilitam a troca de informações com diferentes grupos espalhados no mundo.

Rousseau filosofou que os órgãos utilizados no relacionamento humano foram uma convenção. Gritos e grunhidos permitiam a manifestação do homem perante seu grupo. A faringe, a língua e a boca, porém, não teriam tal propósito definido. Os gestos, por exemplo, eram muito mais importantes e, caso a palavra não pudesse ser dita ou ouvida, recorria-se a outros meios.

Portanto, contamos com o sistema fisiológico do corpo humano para que tais 'falhas' sejam corrigidas, sem prejudicar o meio social. Ah! Se fosse tão fácil assim...Ao nascer surdo ou mudo, o humano aprende a gesticular através da linguagem dos sinais. Se é cega, aprimora a audição, o olfato e, principalmente, o tato. Essa relação é essencial. O importante é que desde pequeno lhe ensinam sobre o problema e as devidas oportunidades de aprendizado sejam dadas.

Além disso, o preconceito é um forte inimigo a ser driblado pela criança ou adulto portadores. Apesar de o respeito para com os deficientes ter crescido e se manifestado teoricamente, na prática, busca-se mais compromisso governamental e social que incluam esses portadores em escolas, academias, instituições, etc. Como incluí-los, porém, se nós nos excluímos?

No Brasil, os deficientes físicos representam 10% da população, de acordo com a Organização Mundial da Saúde. Não é algo para ser ignorado. A fatia é três vezes maior que o número de brasileiros com o curso superior completo - 3%.

Indivíduos tão significantes para o país recebem ínfimos recursos e pouca atenção. Certamente, há muito a ser explorado. Permitam-me a pieguice, mas são lições de vida, histórias de superação e força de vontade, presentes na vida de todos.

A garota que escolheu as tardes na praça para aperfeiçoar os sentidos é feliz. No mundo descolorido e desfigurado em que vive, a criatividade é infinita. Inventava nomes, mistura gostos e cria perfumes. Escolhe a beleza dos transeuntes e a forma dos objetos. Mesmo despercebida, não se importa. Ser diferente não é inexistir.



RENAN FAGUNDES

FOTJORNALISMO II



FOTJORNALISMO II



FOTJORNALISMO II

*POR meio do olhar de uma lente fotográfica, alunos da Disciplina de Fotojornalismo II, sob orientação do professor Wallace Lehnemann, conseguiram captar momentos nos quais a temática "sentidos" fica subjetivamente entendida, seja no silêncio de um violão na barulhenta rodoviária de Florianópolis, no toque perfeito de uma jogadora de vôlei ou na mania infantil de chupar o próprio dedo.*

